

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA

KAMILA BALDINO GONÇALVES

Enlaces Conjugais: amor tecido de laços ou de nós?

Porto Alegre
2018

Kamila Baldino Gonçalves

Enlaces Conjugais: amor tecido de laços ou de nós?

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicanálise, pelo Curso de Especialização em PSICANÁLISE: TÉCNICA E TEORIA da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Moura.

Porto Alegre

2018

**Enlaces Conjugais: amor tecido de laços ou de nós?
Marital Bond: love made out of laces or knots?**

Nome do aluna: Kamila Baldino Gonçalves*

Nome da orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Moura**

Resumo: Este artigo acadêmico busca aprofundar alguns conceitos importantes referentes às relações amorosas, mais pontualmente à escolha de um parceiro amoroso e, ainda examinar quais elementos estão presentes neste complexo processo. Esta investigação será realizada por meio de revisão de literatura específica e de aproximações teóricas com fragmentos de relatos obtidos na prática de escuta clínica, de orientação analítica, realizada pela autora. E por fim, serão apresentadas as conclusões encontradas como forma de demonstrar a relevância da compreensão deste tema para a vida dos sujeitos, mas principalmente, para os psicólogos e outros profissionais que trabalham utilizando como ferramenta a escuta clínica.

Palavras-chave: Amor. Enlace conjugal. Escolha amorosa. Freud. Psicanálise.

Abstract: This academic article seeks to deepen some important concepts regarding love relationships, more punctually at the choice of a loving partner, and still examine which elements are present in this complex process. This research will be carried out through a specific literature review and theoretical approximations with fragments of reports obtained in the practice of clinical listening of analytical orientation performed by the author. Finally the conclusions will be presented in a way to demonstrate the relevance of the understanding of this theme to the life of the individuals but mainly for psychologists and other professionals who work using clinical listening as a tool.

Keywords: Love. Marital bond. Loving choice. Freud. Psychoanalysis

* Psicóloga Clínica, Mestranda em Psicologia e Saúde pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA. Email: milabaldino@hotmail.com

** Psicóloga Clínica, Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Email: anamouraphilomena@gmail.com

INTRODUÇÃO

O interesse pelo fenômeno dos enlaces conjugais justifica-se por algumas premissas principais, assim podemos situar a primeira delas como sendo o cenário brasileiro atual. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), foram apurados que durante o ano de 2016 aconteceram 1.095.535 casamentos em todo o país, demonstrando claramente o grande interesse que a população brasileira apresenta pelo enlace conjugal, mesmo diante de tantas alternativas oferecidas pela sociedade moderna como relações casuais, superficiais e sem compromisso. A expressão deste tema considera ainda, que os números absolutos de enlaces conjugais no país são sub-notificados, uma vez que apenas pequena parte destes casamentos torna-se oficialmente notificada aos cartórios, o que não os torna, de maneira nenhuma, menos importantes, mas nós leva a crer que o número de casamentos é muito superior ao apresentado oficialmente.

Outro elemento que contribui para este estudo está relacionado à aproximação da autora com o tema correspondente por meio de sua prática como terapeuta de orientação analítica. Pois durante o trabalho de escuta de diversos perfis de pacientes, com demandas bastante variadas eis que surge um aspecto que chama atenção devido à insistência com a qual se repete nestas falas e nesta escuta: o amor conjugal e suas engrenagens. Sujeitos com diferentes percursos de vida, gostos e profissões que encontram um ponto em comum ao relatarem suas questões e dificuldades frente às relações conjugais e seus muitos desafios.

Os enlaces conjugais demonstram ser um tema de relevância, uma vez que mais de um milhão de brasileiros continuam apostando anualmente no casamento e, ainda há diversos fragmentos de um trabalho de escuta que denunciam a dimensão da importância deste vínculo para as questões relativas à saúde mental da população. Associando estas informações, floresceu o interesse pelas questões relativas aos enlaces conjugais e suas dificuldades.

Contudo, considerando a amplitude dos aspectos passíveis de serem observados no contexto dos enlaces conjugais, nos concentraremos no ponto inicial deste percurso: a escolha de um par amoroso e os elementos subjetivos que estão envolvidos no processo de construção de um relacionamento conjugal. Para tanto, buscaremos examinar por meio de revisão de literatura especializada alguns dos elementos subjetivos individuais que estão presentes na construção de um

relacionamento amoroso conjugal e, ainda serão acrescentados fragmentos de discursos com objetivo de aproximar os conhecimentos teóricos da prática clínica.

O AMOR COMO CONDIÇÃO ESTRUTURANTE

não
não vai
ser amor à
primeira vista quando
a gente se conhecer vai ser
à primeira recordação porque
já te vi nos olhos da minha mãe
quando ela me diz para eu casar com o tipo
de homem que eu criarei meu filho para ser (KAUR, 2017, p. 47)

Para iniciarmos uma trajetória através dos aspectos subjetivos presentes na escolha de um parceiro amoroso, faz-se necessário compreender quais elementos são primordiais ao sujeito para que este processo seja possível. Considerando sempre a subjetividade de cada um, buscamos traçar uma linha que nos forneça pistas sobre as inscrições que fundam a possibilidade da condição de destinar amor ao outro.

No traço deste fenômeno, com objetivo de compreender como se dá a construção inicial dos vínculos de amor, afeto, carinho e proteção possíveis de serem registrados por cada sujeito, mencionamos as reflexões construídas pelo pai da Psicologia e da Psicanálise, Sigmund Freud que em 1895 escreveu seu texto “Projeto para uma psicologia científica”, onde ele iniciou seus estudos sobre a formação do aparato psíquico e ocupou-se de demonstrar claramente a relevância das relações primárias de mãe e bebê durante este complexo processo. Assim, Freud propõem que estas relações iniciais carregam consigo uma importância tão grande que são responsáveis pela maneira com a qual o sujeito irá conseguir organizar sua estruturação psíquica. Na mesma direção, a psicanalista Maria Cristina Mendes Prado Batista, em seu texto “A influência do amor na conquista da identidade” de 1987, afirma que apenas por meio da vivência e da experiência deste amor maternal é possível que seja inaugurado um sujeito.

Uma afirmação forte, porém assertiva na direção de que somente com a instauração deste vínculo primário o sujeito conseguirá construir suas primeiras imagens de alteridade, o que servirá de matriz para todas as outras relações posteriores. Considerando que o vínculo entre a mãe e o bebê tem seu início já

durante o período gestacional, devemos considerar que nestas circunstâncias ainda não há limite entre o sujeito e o mundo, representado pela mãe, dona da barriga, e isso proporciona um período de completude e satisfação total. Alguns autores como Ritzel (2017), por exemplo, apontam na direção inclusive de uma inexistência da falta, pois as necessidades são sanadas antes mesmo de existirem.

Pois bem, após o nascimento do bebê esse ambiente sofre uma abrupta transformação e a construção das noções de limites começam a acontecer paulatinamente, por meio de muitas frustrações, desconfortos e faltas que insistem em demonstrar sua forte influência no corpo. Questões que precisam levar em consideração aspectos individuais e do ambiente, mas que serão fundantes à condição estrutural.

Será partindo deste conjunto de vivências que o sujeito poderá reconhecer-se futuramente como integral e individual, e assim estabelecer a consciência de quem efetivamente é no e para o mundo. O que, sem dúvida, representará sua primeira grande conquista subjetiva. Esse processo bastante complexo tem como condição para sua existência a participação de um outro sujeito, que destinará seu desejo através de um olhar nutrido de amor e de expectativas, que vai possibilitar a inauguração subjetiva do bebê. E posteriormente a sua individuação e construção de suas dinâmicas de relação interpessoal.

Essa participação do outro fornecerá a noção de alteridade, de limites e de subjetividade individual e será inscrita no bebê por meio de vivências de satisfação, que normalmente acontecem na relação entre o bebê e uma pessoa mais experiente que seja próxima, no caso a pessoa que exerce a função materna. Todos esses registros das vivências de satisfação acabam imprimindo marcas no psiquismo do bebê, que a partir dessas séries de elementos inseridos em forma de memória, inaugura a estruturação do aparelho psíquico. À este processo que tem como resultado a retirada do sujeito de sua condição de corpo orgânico, ampliando sua existência também para os aspectos intra psíquicos mais refinados, do ponto de vista subjetivo, denominamos de operação transativista.

Segundo Bergès e Balbo (2002) a operação transativista é aquilo que modifica de maneira ativa outra coisa que se comporta de maneira passiva nesta relação. Assim, segundo esses autores o transativismo faz referência a uma operação que enlaça as representações, não em uma simples seqüência, mas sim em forma de uma vasta e complexa rede, inaugurando então a construção da rede simbólica do

sujeito. Sobre essa afirmação, Moura (2003) ressalta a relevância da linguagem neste jogo de posições que ocorre no transitivismo, visto que somente será possível transitar por meio da linguagem, sendo assim, a linguagem ocupa o papel de terceiro elemento fundamental nesse processo de inscrição de percepções na criança.

Esta operação pode ser explicada de maneira superficial, como a apresentação do mundo que o adulto, destinado aos cuidados iniciais, realiza com a criança que esta sob sua responsabilidade. Assim, a apresentação do mundo externo e de suas diversas peculiaridades, como perigos e ameaças, devem ser demonstrados e orientados ao bebê pelo adulto, que ocupa o lugar de instrumentalizador e transformador desse novo ser vivo, até então reduzido apenas a um aparato orgânico à espera de ser nomeado, rumo à tornar-se um sujeito pensante inserido no meio social.

Contudo, aspectos subjetivos mais apurados também deverão ser apresentados à criança por este adulto, como as noções de limites corporais, o significado de suas sensações e de sentimentos. Sobre isso, segundo Moura (2003),

a função do transitivismo se torna essencial pois torna presentes as experiências no bebê e ajuda a criança a formar representações, inscrever percepções acerca do que há com seu corpo e ao seu redor. A função do transivismo é a de presentificar para o bebê algo que lhe passava despercebido. (MOURA, 2003, p. 110).

Todas essas questões serão ferramentas psíquicas determinantes à conquista de uma capacidade futura de identificar corretamente seus próprios sentimentos, medos, anseios e desejos, uma vez que em algum momento foi ajudado ao bebê a reconhecer e a identificar suas reações e sensações diante dos mais diversos estímulos.

Diante disso, faz-se oportuno refletir sobre as conseqüências que estas apresentações terão para a criança e para suas concepções e percepções de si e do mundo ao seu redor. Considerando que outro sujeito recebe a incumbência de auxiliar neste processo, podemos de maneira segura afirmar que haverá interferências pessoais visto que o sujeito ativo tem suas implicações próprias na sua forma e maneira de ser e pensar o mundo.

Assim as associações sobre os elementos que ficarão registrados no aparato psíquico do bebê terão influência forte e direta das pessoas e das relações primárias

estabelecidas com ele no início de sua vida. Seguindo a reflexão desta proposição, é possível observarmos que estes primeiros registros psíquicos da vida do sujeito reverberam ao longo de sua vida em todas as suas escolhas e atitudes, desde as mais banais como o gosto por uma determinada cor ou sabor, até as mais relevantes como a escolha pelo ofício que seguirá a vida toda exercendo ou o parceiro que será eleito para dividir a vida e seus desabores conosco. Para nos aprofundarmos mais nesses problemas colocaremos uma lente sobre as escolhas amorosas e suas particularidades.

A CONSTRUÇÃO DO AMOR E SUAS IMPOSSIBILIDADES

AMAR

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer, amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?
Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal,
senão rodar e também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?
Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoção expectante,
e amar o inóspito, o cru,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e
uma ave de rapina.
Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.
Amar a nossa falta mesma de amor,
e na segura nossa amar a água implícita,
e o beijo tácito, e a sede infinita. (DE ANDRADE, 2012, p. 27)

Assim como nos conta Carlos Drummond e Andrade, em seu poema denominado Amar escrito em 1951, o que podemos fazer entre outras criaturas humanas que não amar? O autor trata a temática do amor de forma que há evidência no quanto, para Drummond o amor significava algo tão primordial à existência quanto a comida que nos nutre e o ar que nos sustenta à condição da vida.

Desta forma precisamos dele, não apenas para exercitarmos o direcionamento de energias internas para outra figura, como um destinatário

disponível para nossas demandas. Mas antes disso, precisamos do amor para que seja possível nossa condição de sujeitos diante da vida. Dito de outra maneira, o amor nos funda, nos inaugura e nos impõe sua presença como exigência para existirmos.

Partindo desses elementos, destacamos que o ponto central desta reflexão é exaltar que os elementos relativos aos padrões apresentados ao sujeito pelos primeiros cuidadores serão responsáveis pela instauração de um registro de elementos, que reunidos podem ser denominados genericamente como um padrão familiar de entendimento, de identificação e de enfrentamento das situações ao longo da vida. Dessa forma, há em cada pessoa um vasto referencial de representações, previamente estabelecido e que tem como objetivo garantir ao sujeito que seus sentimentos e emoções experimentados durante sua vida encontrarão sempre um elemento inicial de registro.

Essa rede de registros, por sua vez, auxilia na organização psíquica do sujeito e também determina suas escolhas quando evidencia elementos e aspectos que minimamente propõe um retorno ao seu referencial de experiências e vivências pessoais. Considerando isso podemos dizer que quando direcionamos nosso desejo e amor para alguém estamos relançando nossas questões ao outro, pois os elementos que estão em jogo e são despertados demonstram uma busca desenfreada por uma complementaridade inicial idealizada, que servirá de matriz para suas escolhas, sempre tentando reeditar sentimentos e experiências de completude primários. Sobre os mecanismos envolvidos nas tomadas de decisão e de escolhas amorosas, Ritzel (2017) diz, “se os amantes se sentem completos, isso ocorre por que um ama no outro o que lhe falta para atingir o seu ideal”.

Sobre o difícil processo de escolha de um parceiro amoroso, Angelo (1995) em seu texto *A escolha do parceiro* destaca que dentre os diversos aspectos elencados no momento de seleção de um par romântico, com certeza, as que receberão maior destaque serão as que de alguma forma remetem o sujeito a registros pessoais anteriores. Então, podemos considerar adequada a afirmação de que, de alguma forma buscamos reeditar em nossos parceiros românticos aspectos que nos sejam conhecidos pela semelhança com nossos pais. Contudo essa busca por equivalência e complementaridade, carrega consigo a idealização utópica atribuída outrora aos pais do imaginário da criança, que não são exatamente os reais.

Nesta direção, Costa (1999) comenta sobre a crença que envolve o amor e sua satisfação de completude de maneira idealizada e romântica contrapondo com a ideia de que é necessário “admitir a variação do que atrai ou excita eroticamente, pois significa admitir que a emoção amorosa não é culturalmente cega, surda e muda” (Costa, p. 18, 1999). Mas, ao contrário, trata-se de uma construção cultural humana que envolve diversas considerações subjetivas individuais, entre outros elementos comuns à vida prática.

À este respeito, Freud em seu texto “sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914 destaca elementos relevantes relativos ao processo subjetivo de escolha de um parceiro amoroso. O autor, de maneira minuciosa, consegue até diferenciar alguns elementos referentes ao sexo do sujeito que se fazem presentes no momento de eleição de um pretendente. Contudo aqui nos debruçaremos sobre algumas de suas considerações mais gerais sobre este processo.

Em reflexão sobre a importância e destaque das experiências iniciais da vida de um sujeito, Freud (1914) comenta que,

o indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim como a libido objetal inicialmente ocultava de nossa observação a libido do ego, também em relação à escolha de objeto nas crianças de tenra idade (e nas crianças em crescimento) o que primeiro notamos foi que elas derivavam seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação. (FREUD, 1914, p.54).

A partir desta afirmação Freud (1914) propõem um elevado nível de importância às vivências de satisfação experimentadas pelo bebê no início de sua vida e de sua estruturação psíquica. Mais além, no mesmo texto Freud (1914) continua,

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. (FREUD, 1914, p. 54).

Considerando essas proposições de Freud (1914) podemos compreender que

as escolhas objetais oriundas de vivenciais iniciais de satisfação, que por sua vez geram as representações (elementos mínimos para inauguração do aparelho psíquico e incidem no início da vida subjetiva) serão de extrema relevância para o sujeito ao longo de sua vida. Uma vez que todas as escolhas posteriores estarão intimamente atreladas à estes registros primários e que eles realizarão influência direta e poderão manifestar-se de forma dominante nas futuras escolhas objetais (FREUD, 1914, p. 55).

Dentre algumas classificações estabelecidas por Freud (1914) em seu texto, com objetivo de citar e especificar quais elementos estão relacionadas à escolha do objeto de amor destacamos duas, pois consideramos as matrizes que originam as demais. São elas: “(a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.”(FREUD,1924, p. 55).

O autor ainda segue sua reflexão ao longo do texto apontando insistentemente na direção de que as repercussões de nossas vivências de satisfação serão impreterivelmente responsáveis pelas nossas escolhas e estarão sempre nos acompanhando ao longo de nossas vidas. Contudo, diante deste contexto apresentado por este arcabouço teórico, surge o questionamento sobre o fato de que se estamos sempre caminhando na direção de repetir experiências já vividas devido ao seu padrão familiar, podemos sim a qualquer momento definir por escolhas que nos remetam à experiências que não sejam necessariamente positivas. Visto que os padrões que podem ser considerados conhecidos e próximos dos registros infantis, podem na verdade conter elementos que sugerem repetição de padrões de violência, por exemplo.

E ainda, por onde transitam as possibilidades de aproximação e construção de elementos novos ao repertório outrora adquirido? Como podemos conhecer e até mesmo nos interessar por elementos, aspectos e/ou questões que nada tenham de reedição de nossas trajetórias? Será possível escaparmos à primeira imagem já pintada em nós mesmos?

Enfim, acrescentamos aqui talvez mais alguns questionamentos mínimos para o início de uma construção na direção de um processo de transgeracionalidade, impresso de maneira bastante significativa em escolhas amorosas, que impactam e resultam diretamente na construção dos perfis de relacionamentos amorosos. Neste ponto, convido o repertório clínico da autora adquirido por meio do trabalho de escuta analítica para ilustrar alguns pontos abordados ao longo deste trabalho.

ASSOCIANDO A TEORIA COM FRAGMENTOS DE CASOS

NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DO AMOR

Os desiludidos do amor
 estão desfechando tiros no peito.
 Do meu quarto ouço a fuzilaria.
 As amadas torcem-se de gozo.
 Oh Oh quanta matéria para os jornais
 desiludidos mas fotografados,
 escreveram cartas explicativas,
 tomaram todas as providências
 para o remorso das amadas.
 Pum pum pum adeus, enjoada.
 Eu vou, tu ficas, mas nos veremos
 Seja no claro céu ou turvo inferno.
 Os médicos estão fazendo a autópsia
 Dos desiludidos que se mataram.
 Que grandes corações eles possuíam.
 Visceras imensas, tripas sentimentais
 e um estômago cheio de poesia...
 Agora vamos para o cemitério
 levar os corpos dos desiludidos
 encaixotados competentemente
 (paixões de primeira e de segunda classe).

Os desiludidos seguem iludidos,
 sem coração, sem tripas, sem amor.
 Única fortuna, os seus dentes de ouro
 não servirão de lastro financeiro
 e cobertos de terra perderão o brilho
 enquanto as amadas dançarão um samba
 bravo, violento, sobre a tumba deles. (DE ANDRADE, 1934)

Neste texto de 1934, Carlos Drummond de Andrade aponta para o sofrimento intrínseco do amor, relacionando a perda ou o não alcance do amor ideal com uma dor tão profunda que pede alívio através da morte. Contudo, conforme nos aprofundamos neste tema, nos aproximamos cada vez mais das questões pessoais e individuais envolvidas na escolha de um parceiro amoroso. E a partir disso podemos refletir sobre se o que desejamos do outro realmente tem relação com um lugar de alteridade, com espaço para outra subjetividade independente e diferente, ou se apenas desejamos receber amor e afeto da forma como compreendemos que seja correto e adequado, considerando apenas nossos repertórios individuais.

Durante percurso de escuta clínica, em diversas oportunidades fez-se bastante evidente que os sujeitos que ali falavam sobre suas dúvidas e questionamentos ao parceiro e suas particularidades, incomodavam-se prioritariamente com o fato dos parceiros demonstrarem assim o quanto são outros e diferentes. Acredito que possa parecer paradoxal, mas a ideia que se impõem ao

ouvir uma esposa reclamar do fato de seu marido trabalhar demais, desemboca facilmente na reflexão de que agindo assim, falta tempo para ele prestar mais atenção nela e em suas questões.

Obviamente que a relação à dois apresentará sempre suas adversidades e o trabalho do terapeuta deve sempre apontar na direção de descobrir o que ali está dito por detrás das palavras. Entretanto, também cabe destacar que independente dos motivos que os uniram, há necessariamente que descobrir novos motivos para manterem-se juntos e isso, indubitavelmente, passa por aceitar que o parceiro não é a realização de seu sonho infantil ideal, não é sua “metade da laranja”, não pensa e não concorda com suas ideias políticas, nem sobre sua forma de educar os filhos. Mas que por meio de diálogo e da aceitação de que ali há um outro e que essa condição precisa ser acolhida e respeitada, somente assim, sem dúvida, um ponto de equilíbrio poderá ser encontrado.

Contudo, o que ecoa insistentemente na fala e no ideal de alguns paciente aponta na direção de uma concepção sobre o quanto o outro (marido/esposa) não me faz feliz, pois “não é o que eu imaginei que ele fosse ou ainda, não me trata mais como no início”, destacamos aqui a transferência da responsabilidade pela felicidade e realização para o companheiro, uma vez que ele quem deve saber do que eu preciso e fazer com que isso aconteça. Estes elementos são os principais culpados pelo término das relações que muitas vezes nem chegaram a começar efetivamente, pois os indivíduos não chegaram sequer a se enxergar realmente e considerar suas particularidades, diferenças e subjetividades distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 BILHÕES DE PESSOAS
Talvez as pessoas mais tristes
sejam as que vivem esperando
por alguém que nem sabem
se existe (KAUR, 2017, p. 157)

Segundo a reflexão com a qual a autora nos presenteia, concluímos que há sujeitos que passarão suas vidas em busca de companheiros e companheiras para dividir suas vidas, contudo seguem neste processo de escolha visando apenas reencontrar alguns ideais pessoais. Fazem isso projetando sobre as outras pessoas seus referências de vivências e experiências, procurando encontrar uma

complementaridade ideal que os resgate novamente para suas experiências de satisfação fusionadas e infantis.

Considerando todos os elementos encontrados e destacados ao longo deste trabalho, salientamos que as escolhas por parceiros amorosos estão sim inevitavelmente atreladas as experiências vividas pelos sujeitos durante sua infância, por meio de seu ambiente familiar. Entretanto, faz-se necessário apontar na direção de que estas expectativas que lançamos ao outro dizem respeito somente à nos mesmos, sendo assim o outro não tem obrigação nem alcance de nos corresponder de forma satisfatória.

Este talvez seja o ponto principal encontrado durante esta pesquisa, evidenciar que buscamos o que há de nosso no outro, mas buscar compreender que o outro não responderá como o desejado e que isso não significa falta de amor ou falta de entrega à relação. Mas ao contrário significa que efetivamente há um relacionamento amoroso, pois admite a existência de um outro, considerando sua alteridade e suas individualidades.

Todavia, deparei-me com o constante questionamento sobre como encontrar alguém que preencha todos estes requisitos primordiais, e mesmo assim, nos seja possível respeitar e compreender suas peculiaridades e diferenças. Estes aspectos são imprescindíveis para uma verdadeira construção relacional, uma vez que apenas por meio da existência e da presentificação de outro sujeito podemos considerar que há o estabelecimento de um relacionamento amoroso.

Durante o período de realização desta pesquisa, diversos questionamentos foram sendo abertos através das reflexões suscitadas pelas proposições conceituais encontradas. Algumas destas questões encontraram respostas, como por exemplo, quando Freud comenta que sim, buscamos pessoas que repitam os padrões de relacionamento de nossos pais, sendo eles positivos ou negativos. No final estamos buscando para além de qualidades, estamos à procura de traços que denunciem alguma familiaridade com nossa história e nosso repertório de vida.

Contudo há neste processo um movimento natural de busca pela semelhança, que Freud em seu texto “Recordar, repetir e elaborar” de 1914, denomina de compulsão à repetição e que irá direcionar nossas ações e nossas escolhas na direção de uma reedição das nossas relações familiares. Entretanto, faz-se necessário salientar que estas repetições carregam consigo traços das

impossibilidades, da falta e do desamparo outrora vivenciados nas relações primordiais.

Passa então a ser por meio do processo de análise individual, que surge o olhar para a tarefa de estimular que estes aspectos citados anteriormente sejam introduzidos no campo da linguagem por meio das palavras, pois somente assim será possível produzir outras ligações e outras associações simbólicas a partir deste tema. E assim, finalmente através da construção de novas possibilidades de relacionamento com a alteridade o sujeito poderá estabelecer vínculos distintos e desarticular minimamente o processo de repetição intrínseco ao sujeito.

Assim permanecem ainda algumas inquietações, como encontrar o que buscamos de nosso no outro, e ainda sim respeitar e aceitar que aspectos do outro também estejam presentes na relação amorosa? Como aceitar que a falta sempre existiu e sempre existirá nas relações? Talvez seja material para futuras investigações que com certeza serão foco de próximos estudos.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Cláudio. A escolha do parceiro. **O casal em crise**, p. 47-57, 1995.
- BAPTISTA, Maria Cristina Mendes. **A influência do amor na conquista da identidade**. In *pulsional: revista de psicanálise*. V.1,n.1(1987)
- BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo**. Porto Alegre: CMC. 2002.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rocco, 1999.
- DE ANDRADE, Carlos Drummond. **Brejo das almas**. Editora Record, 1934.
- DE ANDRADE, Carlos Drummond. **Claro enigma**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica [Project for a scientific psychology]. **J. Strachey (Ed. e Tranl.), Edição Standard Completa das Obras de Sigmund Freud**, p. 335-345, 1895.
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In *_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 191-203)*. 1980.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). **Obras completas**, v. 14, 1996.
- KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. Editora Planeta do Brasil, 2017.
- MOURA, Ana Cristina. **A operação de inscrição psíquica: um ensaio sobre o conceito psicanalítico de ação específica**. 2003.
- NOTÍCIAS R7. **IBGE: Divórcios sobem, casamentos caem e brasileiro tem menos filhos**. Acessado em 15 de agosto de 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/ibge-divorcios-sobem-casamentos-caem-e-brasileiro-tem-menos-filhos-14112017>
- RITZEL, Daniel Ohlweiler. **A solidão que abriga**. *Diaphora* 16.1 (2017): 44.